

Rio Torto, Graça

Padrões de construção morfológica dos sobrenomes em Portugal

Études romanes de Brno. 2024, vol. 45, iss. 2, pp. 179-197

ISSN 2336-4416 (online)

Stable URL (DOI): <https://doi.org/10.5817/ERB2024-2-14>

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/digilib.80271>

License: [CC BY-SA 4.0 International](#)

Access Date: 28. 11. 2024

Version: 20240801

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Padrões de construção morfológica dos sobrenomes em Portugal

Morphological Construction Patterns of Surnames in Portugal

GRAÇA RIO-TORTO [gracart@gmail.com]

Universidade de Coimbra, CELGA-ILTEC, Faculdade de Letras, Portugal

RESUMO

O presente texto propõe-se descrever os padrões genolexicais mais representados na construção antroponímica dos sobrenomes do Português Europeu Moderno (PE), colmatando a lacuna existente neste domínio da formação lexical. Torna-se desta forma possível complementar o conhecimento disponível sobre os sobrenomes portugueses no período medieval (Soledade 2012) e sobre a evolução da configuração dos nomes de família ao longo dos tempos, na história do português europeu (Vasconcellos 1928, Monteiro 2008, Silvestre 2021) e na do português do Brasil (Rodrigues 2016; Simões Neto & Soledade 2018). Após uma breve apresentação do enquadramento teórico-metodológico que preside à presente reflexão (secção 1.), descrevem-se os esquemas configuracionais nos quais os sobrenomes portugueses se inserem (secção 2.) e as temáticas neles mais salientes (secção 3.). Os padrões morfológicos de construção dos sobrenomes no português europeu, nomeadamente os que envolvem derivação, composição, pluralização, e sufixação de matriz patronímica são descritos na secção 4. Na secção final apresentam-se as conclusões. A análise dos dados empíricos (recolhidos na base de dados <https://nosportugueses.pt/pt/apelidos/a>, acessível online, e ainda atestados no século XX) revela que não há dissociação entre os padrões genolexicais de construção de sobrenomes e os da língua comum, na derivação como na composição. Os recursos afixais mais recrutados são os que melhor codificam as motivações temático-conceptuais que presidem à construção dos sobrenomes, seja no domínio da avaliação sufixal, seja no dos sufixos de ‘relação’.

PALAVRAS-CHAVE

onomástica; língua portuguesa; sobrenomes; morfologia derivacional

ABSTRACT

The present text aims to describe the genolexical patterns most represented in the anthroponymic construction of surnames in Modern European Portuguese (PE), filling the gap in this domain of lexical formation. In this way, it becomes possible to complement the remarkable knowledge available about Portuguese surnames in the medieval period (Soledade 2012) and about the configuration of family names over time, whether in the history of the European Portuguese (Vasconcellos 1928, Monteiro 2008, Silvestre 2021) or in that of the Brazilian Portuguese (Rodrigues 2016; Simões Neto & Soledade, 2018). After a brief presentation of the theoretical-methodological framework that holds this research (section 1.), section 2 displays the configurational schemes in which Portuguese surnames are inserted and section 3. is devoted to their most salient themes. The morphological patterns of European Portuguese surname's construction, namely those involving derivation, composition, pluralization, and (de)patronymic suffixation, are described in

section 4. The conclusions are presented in the final section. The analysis of empirical data (collected in <https://nosportugueses.pt/pt/apelidos/>, a specific database accessible online), still documented in the XX Century, reveals that there is no dissociation between the genolexical patterns of surname construction and those of the common language, in derivation as well as in composition. The most recruited affix resources are those that best codify the thematic-conceptual motivations that govern the construction of surnames, namely in the domain of suffix evaluation or in that of “relation” suffixes.

KEYWORDS

Onomastics; Portuguese Language; Surnames; Derivational Morphology

RECEBIDO 2023-08-10; ACEITE 2024-2-19

1. Questões terminológicas e enquadramento teórico-metodológico

Para a descrição dos padrões de formação dos sobrenomes no Português Europeu contemporâneo (doravante PE) impõe-se a clarificação de algumas questões terminológicas prévias, bem como a delimitação da metodologia e do enquadramento teórico que espaldam a presente abordagem.

Não são consensuais os conteúdos intensionais das denominações ‘sobrenome’ e ‘apelido’. Leite de Vasconcellos diferenciava de forma clara os conteúdos das duas denominações, que no presente tendem a ser usadas como equivalentes, sendo ‘sobrenome’ mais comum no Brasil e ‘apelido’ mais comum em Portugal.

Na sua *Antroponímia portuguesa*, Leite de Vasconcellos (1928: 12-13) escreve:

Sobrenome é um patronímico, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta imediatamente ao nome individual. [...] Apelido é designação de família, transmitida ordinariamente de geração em geração [...]. A diferença fundamental entre *sobrenome* e *apelido*, na nomenclatura actual, e mais corrente, está em que aquele é individual, ou apenas comum a vários irmãos, embora as vezes transmissível a filhos, e o *apelido* é genealógico, isto é, comum na essência à família toda. [...] Em latim, acrescentava-se ao *praenomen* (nome individual) um *nomen gentilicium*, ou nome da *gens* (muitas vezes terminado em -ius) e um (ou mais) *cognomen*, designação de uma circunstância ou de uma qualidade, como Marcus Tullius Cícero. Em Portugal traduz-se *cognomen* por sobrenome (ou por alcunha), *nomen gentilicium* por apelido.

É longa a história da oscilação entre ‘sobrenome’, ‘apelido’, e até ‘cognome’ em Portugal. Já o primeiro lexicógrafo português, Jerónimo Cardoso, no seu *Dictionarium Latinum-Lusitanicum* (1570) faz sobrepor *cognomen* com *sobrenome* e, não raro, sobrenome também equivale a apelido ou a alcunha. Nos documentos oficiais da República Portuguesa, ocorrem apelido e sobrenome. Pela sua abrangência e circulação mais universal (cf. ‘surname’), a denominação ‘sobrenome’ será a dominante neste texto, sendo usada para designar qualquer nome que não seja o nome próprio ou prenome (individual).

O estudo aqui empreendido assenta na recolha e seleção de sobrenomes que constam de uma base de dados *ad hoc*, acessível online: a lista de apelidos do acervo *Nós Portugueses* (<https://nosportugueses.pt/pt>)¹, disponível em <https://nosportugueses.pt/pt/apelidos/a>. Os sobrenomes selecionados na mencionada base de dados são aqueles que (ainda) se atestam no século XX, por razões que se prendem com a legislação então adotada em Portugal (o primeiro Código do Registo Civil da República Portuguesa data de 18 de Fevereiro de 1911).

Em paralelo, foram também recolhidos sobrenomes em obras de referência, como a *Antroponímia Portuguesa* (1928), de Leite de Vasconcellos; as abonações coligidas em circunstâncias de uso mais quotidiano e comum estão documentadas em suporte fotográfico ou bibliográfico.

Sendo a onomástica uma área de relevância identitária crucial, em interface com a história, com a cultura, com a antropologia das comunidades em estudo, a reflexão que aqui se empreende tem em conta tais variáveis (cf. Anderson 2007; Piel 1945, 1989; Machado 1984; Boullón Agrelo 1999, 2018; Monteiro 2008; Soledade 2012, 2020).

O enquadramento teórico referente à configuração morfológica dos personativos e aos processos genolexicais nela envolvidos apoia-se essencialmente nos estudos empreendidos pelas equipas supervisionadas por Rio-Torto (2016) e por Soledade (2017), no âmbito da formação de palavras de viés lexicalista e construtivista, e bem assim nos estudos históricos de especialidade, como o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, o *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, de Guérios, e a já mencionada *Antroponímia Portuguesa* (1928), de Leite de Vasconcellos.

Após esta secção inicial, as secções 2. e 3. servem de enquadramento ao estudo da morfologia interna dos sobrenomes que será levada a cabo em 4. Na secção 2. descrevem-se os esquemas configuracionais/onomástico-distributivos nos quais os sobrenomes materno e paterno têm sido usados em Portugal. A secção 3. é consagrada às temáticas mais salientes dos sobrenomes. Na secção 4. descrevem-se os padrões de construção dos sobrenomes no português europeu, nomeadamente os que envolvem derivação, composição, pluralização, e sufixação de matriz patronímica. Na secção final apresentam-se as conclusões

2. Sobrenomes materno e paterno em Portugal

Esta secção apresenta uma panorâmica breve da estrutura constitutiva do nome (completo) em português e, dentro deste, dos esquemas configuracionais da antroponomástica portuguesa no domínio dos sobrenomes. Uma vez que o estudo da morfologia interna dos sobrenomes (paterno e materno) será levado a cabo em 4, na presente secção pretende-se traçar um sucinto enquadramento histórico-cultural das alterações na seleção e na combinatória de sobrenomes que a língua portuguesa tem no seu repertório onomástico.

Nome de família, sobrenome ou apelido denotam a parte do nome de um ser humano relacionada com a sua ascendência. Em Portugal, a situação prototípica atual inclui duplo sobrenome,

1 Esta base de dados integra, na secção “Apelidos”, os materiais antroponímicos recolhidos nos registos paroquiais e civis dos arquivos nacionais portugueses, e comporta presentemente mais de dois milhões de assentos de batismo, nascimento, casamento e óbito, a que correspondem quase quatro milhões de pessoas (séculos XVI a XXI).

um materno e um paterno, sendo este colocado na coda direita da construção. O prenome (Mengo 1889) precede os sobrenomes, estando o materno à esquerda do paterno.

Em Portugal, a estrutura típica do nome é pois, atualmente, a seguinte:

Ordem dos sobrenomes

Prenome(s) + SOBRENOME MATERNO + SOBRENOME PATERNO

Quadro 1. Ordem atual dos sobrenomes em Portugal

Mas a composição do nome e a ordem relativa dos sobrenomes nem sempre foi esta. Desde sempre se registou grande variação na ordem relativa dos sobrenomes paterno e materno em Portugal. Essa variação ocorre nas classes mais e menos diferenciadas, seja na nobreza, na burguesia e no povo. De resto, essa era a prática pela Europa fora, pois a presença de sobrenome tendencialmente patrilinear, que identificava a família, desde o passado até ao futuro, é algo que se fixa ao longo do século XIX. Até ao século XVII nem mesmo a Família Real dispunha de sobrenome, sendo os seus membros tratados pelos nomes próprios e pelos seus títulos.

A prática registada até início do século XX, período em que surge o primeiro Código do Registo Civil da República (18 de Fevereiro de 1911) aponta para uma assinalável variação de padrões, como sublinha Leite de Vasconcellos (1928: 327 e 331):

Actualmente ha muita liberdade na escolha do apelido: cada pessoa toma, por assim dizer, o apelido que lhe parece, de que gosta, ou que lhe convém. Não era assim outr'ora. [...] Na junção dos apelidos não existe ordem rigorosa, contrariamente ao que acontece em Hespanha [...] Nós agregamos apelidos paterno e maternos, mas ao acaso.

Porém, o artigo 213 do Código do Registo Civil de 1928, no seu parágrafo único, determina que “o número de apelidos não será superior a quatro e serão escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou o último ser do pai”.

As alterações que vigoram antes e depois de 1928 encontram-se compendiadas no quadro seguinte. As flutuações permitidas na ordem relativa dos sobrenomes portugueses deram lugar a uma fixidez de SOBRENOME MATERNO + SOBRENOME PATERNO, antagónica da que vigorou em Espanha, de 1870 a 2017², e que se mantém ainda dominante no presente.

2 Sobre as vicissitudes da história da codificação onomástica dos sobrenomes em Espanha, cf. Shiba 1996, *Ryskamp* 2012. O sistema de duplo apelido, paterno e materno, terá ombreado com o sistema unilinear até aos séculos XVII-XVIII, sendo dominante por imposição legal até 30 de junho de 2017, data a partir da qual a ordem dos sobrenomes dos filhos é variável (cessando a primazia do sobrenome paterno sobre o materno), sendo fixada de acordo com a vontade dos pais.

Ordem dos sobrenomes	
Espanha (1870 a 2017)	Prenome + SOBRENOME PATERNO + SOBRENOME MATERNO
Portugal < 1928	Prenome + SOBRENOME PATERNO + SOBRENOME MATERNO ou Prenome + SOBRENOME MATERNO + SOBRENOME PATERNO ou Prenome + um só SOBRENOME
Portugal > 1928	Prenome + SOBRENOME MATERNO + SOBRENOME PATERNO

Quadro 2. Ordem dos sobrenomes em Espanha e em Portugal

Desde muito cedo os patronímicos adquiriram o estatuto funcional de apelidos ou de sobrenomes. Paulatinamente o patronímico fixou-se como sobrenome de uma dada família, que o transmite de geração em geração, não raro com assinaláveis variantes. Em todo o caso, como refere Leite de Vasconcellos (1928: 129), “houvesse ou não patronímicos, os nomes dos pais fazem as vezes d’eles, como sobrenomes”.

Uma das fontes de variação prende-se com a ordem relativa dos sobrenomes (nomeadamente de origem patronímica/patrilínea e matronímica/matrilínea), e outra com a presença/ausência de um deles³. O primeiro sobrenome que surge à direita do(s) nome(s) próprio(s) podia ser o paterno ou não, aproximando a prática dominante em Portugal da que vigorava na Península Ibérica (PRENOME + SOBRENOME PATERNO + SOBRENOME MATERNO).

O nome de um longo primeiro-Ministro (35 anos de exercício de poder), António de Oliveira Salazar (1889-1970), é ilustrativo dessa situação, pois era filho de António de Oliveira e de Maria do Resgate Salazar, perpetuando em pleno século XX um modelo que recua a tempos medievais em Portugal. A origem rural do antigo primeiro-ministro de Portugal não será alheia à adoção deste modelo configuracional mais tradicional.

Recuando no tempo, encontramos casos de figuras ilustres que atestam esta oscilação na configuração dos padrões onomásticos convocados.

Nuno Álvares Pereira, também conhecido como o Santo Condestável (1360-1431), era filho de Álvaro Gonçalves Pereira e de Iria Gonçalves do Carvalhal. Os seus irmãos chamavam-se Rodrigo Álvares Pereira, Pedro Álvares Pereira, Diogo Álvares Pereira, Fernão Álvares Pereira, tendo todos adotado unanimemente os sobrenomes (i) Álvares e (ii) Pereira. Álvares é o patronímico de Álvaro, o prenome do progenitor. Pereira é o outro nome de família do progenitor. Nenhum vestígio do nome da mãe ocorre nos nomes de algum dos seus cinco filhos.

3 A alteração ocorre no quadro da reforma do Registo Civil de Espanha (Ley 20/2011 de 21 de julio, del Registro Civil), cujos artigos 49-53 entraram em vigor em 30 junho de 2017, e que liberaliza a ordem e a seleção dos sobrenomes. Segundo Monteiro 2008, até ao século XVIII, ao nome próprio de um rapaz acrescentava-se não raro o apelido com origem patronímica; no caso das raparigas, e ainda que mais aleatoriamente, há registos de adunção do matronímico (sobrenome com origem no nome próprio feminino).

Nuno Álvares Pereira casou com Leonor de Alvim; sua filha chamou-se Beatriz Pereira de Alvim, pelo que recebeu o nome da mãe (e não apenas o do pai), que ocorre na posição mais à direita, como também então se usava.

Quase três séculos mais tarde, o nome do célebre Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), Marquês de Pombal, ilustra também este padrão de construção de personativos: Sebastião José de Carvalho e Melo é filho de Manuel de Carvalho e Ataíde e de Teresa Luísa de Mendonça e Melo, pelo que a configuração do seu nome parece manter o modelo em que o sobrenome paterno precede na ordem linear o materno (ambos por nós destacados)⁴. Já no nome de seu pai (Manuel de Carvalho e Ataíde) a ordem dos sobrenomes é de PAI+MÃE (< Sebastião José de Carvalho e Melo & Leonor Maria de Ataíde); no nome de sua mãe (Teresa Luísa de Mendonça e Melo), a ordem dos sobrenomes é de MÃE+PAI (< João de Almada e Melo & e Maior Luísa de Mendonça). Neste caso é por demais patente a coexistência de padrões antagónicos.

Tendo casado (1745) com Eleonore Ernestine Eva Wolfganga Gräfin von und zu Daun auf Sassenheim und Callaborn, condessa de Daun, os seus descendentes tomam os sobrenomes matrilinear ou patrilinear (sublinhados nossos), consoante são filhas ou filhos.

Sobrenomes das filhas do Marquês de Pombal e da Condessa de Daun: <i>de Daun/de Carvalho e Daun</i>	Sobrenomes dos filhos do Marquês de Pombal e da Condessa de Daun: <i>de Carvalho e Melo/de Carvalho e Melo e Daun</i>
Teresa Violante Josefa Maria Eva Judite <i>de Daun</i>	Henrique José Maria Adão Crisóstomo <i>de Carvalho e Melo</i>
Leonor Joana Maria Eva <i>de Daun</i>	José Francisco Xavier Maria Adão Macário <i>de Carvalho Melo e Daun</i>
Maria Francisca Xavier Eva Anselma <i>de Carvalho e Daun</i>	
Mariana Xavier Ema Manuel <i>de Daun</i>	
Maria Amália Eva <i>de Carvalho e Daun</i>	

Quadro 3. Sobrenomes das filhas e dos filhos do Marquês de Pombal e da Condessa de Daun.

Na descendência do Marquês de Pombal a diversidade de padrões não pode ser mais explícita. Em todo o caso, nos nomes das Filhas predomina o sobrenome matrilinear (de Daun), havendo apenas dois casos em cinco em que se acumulam os sobrenomes patrilinear e matrilinear (de Carvalho e Daun)⁵. Nos nomes dos filhos, está sistematicamente presente o sobrenome paterno

4 Em alternativa, pode formular-se a hipótese de que o nome do Marquês de Pombal reproduza *ipsis verbis* o do seu avô paterno e padrinho, também homonimamente chamado Sebastião José de Carvalho e Melo (falecido em 1719)

5 A prática matriarcal de as filhas tomarem os sobrenomes de suas mães e avós, e os filhos os sobrenomes dos seus ascendentes patrilineares – já presente acidentalmente em latim (Nuorluoto 2017) e em vigor em sociedades matriarcais (Hanks & Parkin 2016) – sempre foi periférica na tradição de atribuição de sobrenomes em Português, que durante largos séculos foi marcada por assinalável diversidade e flutuação.

binominal (de Carvalho e Melo), ao qual se acrescentou, à sua direita, o sobrenome materno (e Daun) precedido da conjunção *e*. Uma vez mais, em pleno século XVIII, o sobrenome paterno encontra-se à esquerda do materno, como era uso na Península Ibérica. Esta prática só cessa por imposição legal em 1928.

Os exemplos apontados referem-se a membros de famílias da nobreza. Não dispomos de dados fidedignos que nos permitam confirmar ou infirmar se os princípios e as práticas que nela vigoravam se aplicavam, ou não, às classes não aristocráticas. Não obstante a eventual maior prevalência de alcunhas convertidas em sobrenomes das pessoas do ‘povo’ da plebe, nada obsta a que houvesse um efeito mimético e/ou de prestígio que aplicasse aos sobrenomes das pessoas não pertencentes à nobreza modelos similares aos da aristocracia. Em todo o caso, as classes menos diferenciadas teriam acesso a um sistema binominal de sobrenomes, mas não ao modelo acumulativista e multinominal que, por herança, era apanágio da nobreza ⁶. Nem mesmo Leite de Vasconcellos, tão bom conhecedor da realidade dialectal e sociolectal de Portugal, dá pistas sobre esta matéria. Teremos de aguardar por estudos *ad hoc* que tragam luz a este universo ainda pouco escrutinado.

3. Temáticas dos sobrenomes

Várias podem ser as classes ontológico-temáticas dos sobrenomes, sejam morfológicamente complexos ou simples. No que diz respeito às suas raízes temáticas (Boullón Agrelo 2009), podem ser:

- (de)patronímicos [com origem em patronímicos, isto é, nomes derivados do nome do pai e que indicam filiação], como *Bernardes, Nunes, Ramires, Sanches, Vasques*
- detoponímicos [provenientes de nomes toponímicos], como *Cabreira, Caldelas, Campelo, Cangas, Courel, Ermida, Lagares, Mata, Montes, Vilas, Vilanova, Vilela*
- delexicais ⁷ [provenientes de unidades lexicais não marcadas quanto à sua classe de origem (vg. patronímica ou toponímica), como *Branco, Bravo, Cardo, Casado, Coelho, Cordeiro, Frade, Freire, Curto, Doce, Dourado, Farinha, Farto, Gaio, Guerreiro, Infante, Leal, Pequeno*.

Os detoponímicos podem ser morfológicamente não derivados (*Mata*), derivados (*Vilela*) e compostos (*Vilanova*). O mesmo se aplica aos delexicais. Não nos ocuparemos aqui de nomes morfológicamente não derivados, como *Abreu, Castro, Correia, Costa, Cunha, Jesus, Lima, Melo, Moura, Pinto, Rocha, Silva, Sousa* (exceptuam-se os nomes de origem religiosa elencados em VIII), para nos centrarmos nos padrões construcionais dos derivados e compostos.

Sob o ponto de vista temático, os sobrenomes, sejam morfológicamente simples ou complexos, recobrem várias áreas, como ocupações/ofícios, honrarias/estatuto, fauna, flora, matéria/

6 Salazar y Acha (1991: 13-14) atesta que em Espanha, houve uma diferenciação clara na origem dos nomes próprios das classes prestigiadas (que preferiam os de origem germânica ou francos) e os das classes mais indiferenciadas, que optavam pelos de origem latina. Também Shiba (1996: 229) assinala que, em Espanha, e referindo-se aos sobrenomes, “el sistema legal vigente no se usaba casi nunca entre la gente llana en los primeros tiempos de la Modernidad cuando era obsesiva la consciencia por la limpieza de sangre que la adoptó la alta nobleza”.

7 Esta denominação está longe de ser unívoca ou cientificamente satisfatória, mas não nos ocorre outra melhor para albergar o vasto universo de *varia* que exclui os detoponímicos e os (de)patronímicos.

acidente natural, proveniência toponímica, proveniência familiar (patrilinear ou matrilinear), religião, características. Os exemplos que se seguem ilustram as diferentes áreas temáticas.

- I. Ocupação: *Alfaiate, Armeiro, Barbeiro, Besteiro, Carpinteiro, Carregueiro, Carreiro, Entalhador* (Manuel Jorge Entalhador 1704), *Lagareiro, Malheiro, Mineiro, Moleiro, Peseiro, Pesqueiro, Serralheiro, Tropeiro, Vergueiro*
- II. Honrarias/estatuto: *Barão, Cavaleiro, Conde, Cortesão*
- III. Fauna: *Cabral, Carneiro, Cordeiro, Passarinho, Pinto, Robalo, Varejão*
- IV. Flora: *Cajueiro, Cardoso, Carvalho, Carvalhosa/o, Castanheira, Cidreira, Coentrão, Espargosa, Gíngeira, Figueira, Funchal, Laranjeira, Limeira, Loureiro, Milheirão, Milheiriço, Murteira, Oliveira, Pereira, Pinhal, Roseira, Salgueiro, Sobral, Valadão, Zambujal*
- V. Matéria/acidente natural: *Barroso, Ferraço, Ferrão, Fragoso, Lameira, Lameirinhas, Matoso, Palhinha, Pedreira, Pedroso, Pimentel, Regueira*
- VI. Proveniência Toponímica: *Alvarenga, Campelo, Canelas, Carvalho, Castelo Branco, Funchal, Monteverde, Pinhal, Portela, Sobral, Tondela, Zambujal, Quintela, Rio-Torto, Valverde, Vila-Chã, Vila-Verde, Vila-Viçosa*⁸
- VII. Proveniência familiar: *Marques* (filho de Marco), *Fernandes*, (filho de Fernando)
- VIII. Religião: *Aleluia, Anjos, Assunção, Espírito Santo, Graça, Jesus, Santos, Trindade*
- IX. Propriedade/Característica: *Alvim, Barateiro, Brandão, Calado, Caronho, Durão, Folgado, Guedelha, Guerreiro, Mansilho, Penteado, Rosado, Saltão, Trigueiro, Trincão, Torrado, Valentim*

Por princípio, os sobrenomes são neutros do ponto de vista conotativo. Mas quando se trata de denominar propriedades, como estas são marcadas favorável ou desfavoravelmente numa dada comunidade, também os sobrenomes que as codificam acabam por poder ficar associados a marcas mais ou menos eufóricas ou disfóricas. Nomes como *Barateiro, Brandão, Caronho, Durão, Folgado, Guerreiro, Mansilho, Penteado, Valentim* podem ser exemplo de prováveis antigos apelidos ou alcunhas que, pela natureza das propriedades denotadas, se terão inicialmente prestado a alguma marcação mais negativa (*Caronho, Caronhas*, em Maria José Caronhas 1844; *Gordacho*, em Joana Rosa Gordacho 1795, José Ignácio Gordacho 1801; *Porcalho*), mais positiva (*Barateiro, Brandão, Guerreiro, Penteado, Valentim*) ou ambas (*Durão, Folgado, Mansilho*).

A secção seguinte permite entrever as correlações entre classes temáticas e recursos genolexicais selecionados para a expressão das mesmas.

8 É possível que alguns dos nomes de III, IV e V estejam presentes na Toponímia, mas trata-se de matéria a explorar detalhadamente em estudo ulterior.

4. Padrões de construção dos sobrenomes na língua portuguesa – variante europeia

Na formação de sobrenomes da língua Portuguesa sobressaem os derivados sufixais e, menos categoricamente, os compostos.

Importa desde já sublinhar que o sistema português de construção de sobrenomes não envolve diferenciação morfo-lexical em função do género do ser humano: os sobrenomes são, pois, comuns a mulheres e a homens, não havendo sufixos derivacionais ou flexionais específicos para sobrenomes matrilineares ou patrilineares, como acontece em várias outras línguas.

Para a formação de sobrenomes, a língua Portuguesa convoca predominantemente

- sufixos adjectivadores/nominalizadores relacionais e
- sufixos avaliativos (muitos inicialmente também com valor relacional).

Começamos pela derivação para depois nos centrarmos na composição e na pluralização.

4.1. Sufixos avaliativos

Segue-se o elenco dos sufixos avaliativos abonados.

-
1. -aç-: *Ferraço, Fogaça, Vilaça*
 2. -ach-⁹: *Camacho*
 3. -alh-: *Barbalho, Bicalho, Borralho, Bugalho, Fialho, Ramalho*
 4. -anç-: *Picanço*
 5. -ão: *Baptistão, Coentrão, Facão*¹⁰, *Fragão*¹¹, *Milheirão, Negrão, Picão, Quintão, Saltão, Trincão, Valadão* (aumentativo de *valado*), *Varejão* (alusivo à elevada estatura)¹²
 6. -ej-: *Canejos*
 7. -el: *Pimentel*
 8. -el-: *Barrela, Campelo, Canelas, Coucelo, Courela, Curvelo, Portela, Quintela, Ruela*
 9. -elh-: *Botelho* (<Boto), *Carrelha, Ninharelhos*¹³
 10. -et-: *Barreto, Picareta, Ribeirete*
 11. -ic-: *Barrico*
 12. -ilh-: *Carrilho, Mansilho, Padilha, Quintanilha* (< Quintana)

9 *Gordacho* recua a 1795 e 1801.

10 Henrique da Rocha Facão 1920.

11 Regista-se no sec. XIX: José Gomes Fragão 1829, Augusto Marques Fragão 1895.

12 Alguns nomes terminados em <ão> podem não ser derivados da língua portuguesa. Segundo Machado (1984), assim pode acontecer com: *Brandão*, de eventual influência do latim eclesiástico BRANDANUS; *Bulhões*, talvez do topónimo francês *Buillon*; *Durão*, do francês *Duran(d)*; *Ferrão*, talvez de *Ferrando*, de origem aragonesa; *Girão*, do espanhol *Girón*; *Mourão*, de *Maurus*, *Mauranus, ou de Maurone; *Quintão*, que pode ser aumentativo, denotando 'quinta grande' ou ter origem no antropónimo germânico *Quintán*, frequente na Galiza. Também *Valadão*, no caso de denotar 'natural de Valadas', será não um aumentativo, mas um adjectivo/nome detopónimo.

13 *Diabelha* não perdurou no tempo: Joana Diabelha 1870; Henriqueta Diabelha 1875.

13. -it-: *Abadito*
14. -im: *Alvim, Amorim, Cardim, Paim, Valadim, Valentim*
15. -inh-: *Alagoinha, Barrosinho, Belchiorinho, Brejinha, Camarinho, Casalinho, Coutinho, Covinha, Dentinho, Facadinhas*¹⁴, *Fontinha, Lameirinhas, Mainha (<Maia), Martinho, Mourinho, Murinho, Palhinha, Passarinho, Peixinho, Raminhos, Robalinho, Telinhos, Vaquinhas, Verguinha, Vilarinho, Zagalinho*
16. -oc-: *Barroca*
17. -ol-: *Argolo*
18. -olh-: *Frangolho*¹⁵
19. -ot-: *Barrote, Cambotas, Peixoto*
20. -uch-: *Capucho, Penucho*
21. -usc-: *Chamusca*

Quadro 4. Sufixos avaliativos operantes na formação de sobrenomes

Os sufixos *-inh-* e *-ão*, os mais representados e convocados para a avaliação, são também os mais usados no universo empírico recolhido, como o número de exemplares arrolados atesta (cerca de uma trintena de nomes em *-inh-* e de uma dezena de nomes em *-ão*).

Tenha-se em mente que o sufixo *-inh-* se encontra abonado desde a Idade Média, e em sobrenomes bem antigos, como *Azeitoninho*, em Maria Vaz *Azeitoninho* 1655, Catarina Gonçalves *Azeitoninho* 1695, João Gonçalves *Azeitoninho* 1720 e 1759, Marcelino Gonçalves *Azeitoninho* 1769, José Gonçalves Beato *Azeitoninho* 1779, Maria Clara *Azeitoninho* 1790, Isabel Claro *Azeitoninho* 1830 e 1849, Rosália da Conceição *Azeitoninho* 1834, Maria Duarte *Azeitoninho* 1836. Não há registos posteriores a 1849. O mesmo acontece com *Boucinha* ((Dr.) Francisco Xavier *Boucinha* 1727), razão pela qual não figura na listagem acima.

O sufixo *-el-*, muito recrutado na Toponímia Portuguesa, sobretudo nas regiões menos meridionais (Piel 1948-1949), ocorre em nove nomes. O sufixo *-alh-* é um sufixo com alguma representatividade (seis exemplares). O nome *Dornalha* é antigo, e não perdeu no tempo: Maria *Dornalha* 1557, 1622; Domingos Fernandes *Dornalha* 1671; o mesmo se diga de *Porcalho*, muito abonado até meados do sec. XVIII¹⁶.

O sufixo *-ó-*, que resulta da contração de *-(I)OLU-*, também presente na Toponímia setentrional de Portugal (Rio-Torto 1993), está igualmente representado na Antroponímia, mas não na mais recente: o sobrenome *Batalhos* (Manuel Álvares *Batalhos* 1674, Maria Romana *Batalhos* 1835), ocorre, de resto, após *Batalhós* (Pedro Álvares *Batalhós* 1633, José dos Prazeres *Batalhós* 1815). Na antroponomástica este sufixo é marcado pela indisponibilidade que o caracteriza na língua comum (cf. *bolinhó, mosteiró*), na atualidade.

14 Cf. Irene da Encarnação Balisa *Facadinhas* 1922,

15 Cf. Maria Caetana do Rosário *Frangolho* 1925.

16 Cf.: António Vaz *Porcalho* 1520, Francisco *Porcalho* 1530, Catarina *Porcalho* 1540, Fernão *Porcalho* 1540, António *Porcalho* 1580 e 1590, João Vaz *Porcalho* 1615, Manuel Vaz *Porcalho* 1600, 1646, 1650, 1663, 1694, 1732, Manuel Martins *Porcalho* 1650, Maria Álvares *Porcalho* 1650, Francisco Vaz *Porcalho* 1660, 1718, João Martins *Porcalho* 1656, Manuel Gonçalves *Porcalho* 1665, Manuel *Porcalho* 1670, Maria Fernandes *Porcalho* 1670, Antónia Dias *Porcalho* 1687, António Gonçalves *Porcalho* 1701, António Martins *Porcalho* 1709, Joana de Almeida Terrenho *Porcalho* 1712, Catarina Maria *Porcalho* 1721, Maria dos Santos 1766.

O sufixo *-uç-*, com forte valor depreciativo hoje em dia, na linguagem coloquial (*dentuça*, *gentuça*), encontra-se abonado em dois sobrenomes de finais do século XVI e início do século XVII (Domingos Fernandes Barruça 1591, Domingos Lopes Barruço 1650), que Guérios (1981) e Machado (1984) não mencionam. Este último atesta *Barrucho*, apelido antigo alentejano e *Bar-runcho*, de Barro, também atestado como topónimo em Loures e Vila Franca de Xira (Machado 1984: 224). De *Penucho* apenas foram abonadas duas ocorrências, uma do século XX (Maria da Piedade Alves Penucho 1922) e outra de finais do século XIX (Ana Maria Penucho 1884).

4.2. Sufixos relacionais

Outro conjunto de sufixos recrutados para a formação de sobrenomes é o dos sufixos ‘relacionais’, designação genérica para os que formam adjetivos e/ou nomes denominais.

Segue-se a lista dos sufixos ‘relacionais’ que se encontram abonados na construção de sobrenomes.

-
22. -al: *Amaral, Cabral, Carvalhal, Funchal, Painçal, Pinhal, Quintal, Sobral, Zambujal*
 23. -an-: *Atilano, Cipriano, Florenciano, Quintana, Severiano*
 24. -ar: *Bacelar, Vilar*
 25. -eir-: *Abrunheiro*¹⁷, *Armeiro, Barateiro, Barbeiro, Barreira, Barroqueiro, Besteiro, Cabreira*¹⁸, *Cacheira, Cajueiro, Cangueiro, Carneiro, Carquejeiro, Carrasqueira, Carreira, Carregueiro, Carreiro, Carvalheira/o, Casqueira, Castanheira, Cavaleiro, Cerqueira, Cerveira, Cidreira, Corceiro, Cordeiro, Couceiro, Craveiro, Esparteiro, Faleiro, Ferreira, Figueira, Franqueira, Gameiro, Gingeira, Graneiro, Grangeiro, Guerreiro, Junqueira, Ladeira, Lagareiro, Lameira, Laranjeira, Limeira, Loureiro, Luzeiro, Macieira, Madureira, Malheiro, Mangueira, Milheiro, Mineiro, Murteira, Oliveira, Palmeira, Pedreira, Pereira, Peseiro, Pesqueiro, Piteira, Pombeiro, Quinteiro, Quinzeiro, Regueira, Ribeiro, Roseira, Salgueiro, Serralheiro, Silveira, Sobreira, Trigueiro, Tropeiro, Valgueiro, Vergueiro, Vieira, Videira, Viveiros*
 26. -en-: *Barreno*
 27. -eng-: *Alvarenga*
 28. -enh-: *Alçaçarenho*¹⁹
 29. -ês: *Cortês*
 30. -i-: *Brásio, Damásio* (< Dâmaso)
 31. -iç-: *Caniça, Milheiriço, Vilariça*
 32. -il: *Bezerril*
 33. -in-: *Clementino, Cristino, Faustino, Justino, Paulino*²⁰

17 Recua a 1734.

18 Remonta a 1615 e ainda se abona em 1914.

19 Torna-se difícil discernir se o sufixo *-enh-* aqui presente é o avaliativo (*ferrenho*) ou o também formador de gentílicos (*açorenho; barranquenho; belizenho; cacelenho; estremenho; lagoenho; nortenho; quadrasenho; quintenho*). Incluímos *Alçaçarenho* no segundo conjunto por ser o mais representado, optando assim por interpretar o nome como gentílico.

20 *Marçalino* recua aos séculos XVII e XIX: António da Silva Marçalino 1790, José Marçalino 1855, Rui Marçalino 1896.

34. -os-: *Airosa, Barbosa, Barroso, Bulhosa, Cardoso, Carvalhosa/o, Espargosa, Feitosa, Fragoso, Matoso, Pedroso*
35. -ud-: *Cabeçudo* (João da Cruz Cabeçudo Júnior 1921, António Inácio Cabeçudo 1925)

Quadro 5. Sufixos ‘relacionais’ operantes na formação de sobrenomes

O sufixo *-eir-* é, tal como o seu étimo latino *-ARIUS*, um dos mais usados em latim e depois nas línguas românicas (Staaff 1896) para várias finalidades. Na língua-mãe formava adjetivos (*honorarius, imaginarius, ordinarius, plumbarius, rotarius*), alguns dos quais nominalizados, como denominações de profissionais (*aquarius, lapidarius, plumbarius*). Na língua portuguesa desde sempre se revelou produtivo na formação de adjetivos (*certo, estrangeiro*) e/ou nomes (*cavaleiro, conselheiro, sombreiro, galinheiro*) com significações várias, nas quais predominam as de ocupação, instrumento e locativo (Rio-Torto 2008; Simões Neto 2018). É possível que muitos dos sobrenomes em *-eir-* tenham origem em topónimos homólogos, mas esse estudo sistemático encontra-se ainda por realizar.

Um outro sufixo relativamente produtivo na formação de antropónimos é *-os-*, selecionado na língua comum para a formação de adjetivos que denotam “que tem x em abundância” (*brioso, espaçoso, gorduroso*). Este sufixo não forma adjetivos gentílicos detoponímicos. Mas como pode denotar primitivamente a presença de uma propriedade em saliência, presta-se à denominação de entidades humanas com tal característica (*Barroso, Cardoso, Fragoso, Matoso, Pedroso*).

Os nomes em *-ud-*, como *Dentudo* (Manuel Dias Dentudo 1600) são bastante antigos (cf. *Patudo*, cujas ocorrências são de finais do sec. XIX: António da Silva Patudo 1880, Manuel da Silva Patudo 1880), sendo poucos os que perduraram até ao século XX, segundo o site <https://nosportugueses.pt/pt/apelidos/a>. O exemplo de *Cabeçudo* é bastante ilustrativo: António Martins Cabeçudo 1580, Manuel Dias Cabeçudo 1630 e 1640, Diogo Dias Cabeçudo 1645, Isabel Cabeçudo 1653, António Dias Cabeçudo 1675, Manuel João Cabeçudo 1680; Maria Lourenço Cabeçudo 1680, Mateus Lopes Cabeçudo 1706, João Lopes Cabeçudo 1716 e 1727, Matias Lopes Cabeçudo 1739, Mateus Lopes Cabeçudo 1749, António Pedro Cabeçudo 1775, Cristóvão Machado Cabeçudo 1780, Francisco Severiano Cabeçudo 1836, José António Cabeçudo 1809, 1842 e 1843, António Marcelino Cabeçudo 1852, Simão dos Santos Cabeçudo 1856.

No elenco dos sufixos abonados não figuram os mais recentes e mais produtivos, como *-ic-* e *-ista*. O primeiro, estando adstrito à expressão da presença de propriedades mais genéricas, não é usado para a construção de sobrenomes. Também pelo seu valor semântico, *-ista*, que denomina um “especialista em” (*semanticista, anestesista*), ‘alguém com capacidades performativas especializadas’ (*artista, violinista*) ou “apoiantes/seguidor/adepto de; vocacionado/inclinado para” (*armamentista, europeísta, darwinista, perfeccionista*), não se presta à denominação personaliva.

4.3. Sufixos Denominais, Deverbais e Deadjetivais

Um terceiro conjunto dos sufixos convocados para a formação de sobrenomes inclui alguns denominais, deverbais e deadjetivais. Trata-se, como os exemplos abaixo abonam, de recursos usados residualmente, face aos avaliativos e aos ‘relacionais’ acima mencionados.

Padrões de construção morfológica dos sobrenomes em Portugal

Neste conjunto, *-ad-* é o mais atestado na construção antroponímica. Os sufixos *-dor* e *-mento*, muito produtivos na genolexia do léxico comum, estão muito pouco representados neste sector da antroponímia.

Os sufixos que formam nomes de ‘qualidade’ (*-eza*), de estatuto (*-ato*), de coleção (*-eda*), de processo (*-mento*), de agentivo (*-dor*), de detentor de propriedade/de processo perfectivo (*-ad-*) não são, pela sua semântica e pela sua história, os que mais se prestam à construção de nomes personativos. Para tal, os sufixos avaliativos e os ‘relacionais’ ocupam lugar cimeiro, desde sempre.

Sufixos	Exemplos de sobrenomes
Denominais	36. <i>-ato</i> : Gravato, Mourato 37. <i>-eda</i> : Castanheda*
Deverbais	38. <i>-ad-</i> : Brochado, Caiado, Calado, Calçada, Curado, Dourado, Folgado, Furtado, Pegado, Penteadado, Pescada, Rosado, Salgado, Salvado, Torrado 39. <i>-dor</i> : Salvador 40. <i>-dura</i> : Sacadura 41. <i>-mento</i> : Nascimento, Sacramento
Deadjetivais	42. <i>-eza</i> : Pureza

* *Castanheda* terá origem toponímica, uma vez que denota ‘lugar onde há castanheiros’ e/ou influência asturiana ou galega, segundo Guerios (1981).

Quadro 6. Sufixos Denominais, Deverbais e Deadjetivais operantes na formação de sobrenomes

4.4. Sufixos Patronímicos

A formação de sobrenomes recorre também ao patronímico *-es* de matriz germânica (e cujo étimo latino é o genitivo de posse *-ICI*), que denota “filho de”, e que está presente nos seguintes nomes derivados do nome próprio do pai (ou de algum ascendente masculino):

-es: *Álvares, Alves, Antunes, Bentes, Bernardes, Borges (<Borja), Brites, Caires, Domingues, Fernandes, Gonçalves, Henriques, Lopes, Marques, Mendes, Nunes, Ramires, Rodrigues, Sanches, Soares, Vasques*

Pela sua origem, estes nomes têm origem remota na história da língua (Piel 1945, 1989), não sendo expectável que deem origem a novos sobrenomes, seja em Portugal, seja no Brasil. Com efeito, não são conhecidos casos de formação com *-es* que tomem por base sobrenomes de origem indígena, atestados no Brasil, como *Araripe, Araruna, Guabiraba, Oiticica, Piraçununga, Pitanga, Suassuna, Sucupira*, ou sobrenomes alógenos, como *Kubitschek, Roussef, Sarney*. Também assim acontece em Portugal, uma vez que *-es* não seleciona sobrenomes estrangeiros, tais como *Byrne, Charters, Korrodi, Miller, Petit, Pratt, Roiz, Stoffel, Zúquete*. A configuração dos sobrenomes é bem mais estável que a dos prenomes (Simões Neto & Soledade 2018), e a expressão da

pertença a uma dada família é presentemente codificada pela explicitação do(s) sobrenome(s) patrilíneo(es) e/ou matrilíneo(es), pelo que o padrão sufixado em *-es* seria redundante e anacrónico.

4.5. Formação de sobrenomes por Composição

O quadro que se segue ilustra os dois esquemas de composição mais representados (NA e NA), a que se juntam quatro outros menos representados, como N(truncado) +N, N+Possessivo, Numeral+N e N+(prep)+N.

N+A	Bilhalva, Castelo Branco, Montalvo, Ouro-Preto, Rio-Torto, Souto Maior, Valverde, Vila-Chã	A+N	Belmonte, Boaventura, Negromonte, Santana, Santiago, São Bento.
N(truncado)+N	Monforte, Monjardim	N+ ?Possessivo?	Carromeu*
Numeral+N	Mil-Homens	N+(prep)+N	Valtelhas, Vila Lobos

* Segundo Machado (1984, I: 361), trata-se de uma antiga alcunha, de origem obscura. A hipótese de *meu* representar um possessivo parece pouco plausível, até pela posição do mesmo à direita do nome. O sobrenome ocorre em uma dezena de casos no distrito de Setúbal, desde 1850, como Maria/Joze,/Manuel Carromeu, Anna Carromeu Moco, Clemente Carromeu Maio.

Quadro 7. Esquemas de Composição operantes na formação de sobrenomes

Dos esquemas de composição arrolados, os mais produtivos são, tal como na língua comum, N+A e A+N.

No conjunto AN destacam-se os numerosos sobrenomes de origem hagiográfica (*Santa Agáta, Santa Apolónia, Santa Bárbara, Santa Catarina, Santa Cecília, Santa-Clara, Santa Cruz, Santa Engrácia, Santa Iria, Santa Justa, Santa Maria, Santa Marta, Santa Mónica, Santa Rita, Santa-Rosa, Santa Teresa; São Bartolomeu, São Bento, São Bernardino, São Bernardo, São Boaventura, São Brás, São Bruno, São Caetano, São Conrado, São Domingos, São Filipe Neri, São Francisco, São Jerónimo, São João, São Joaquim, São Jorge, São José* (destacadamente maioritário), *São Julião, São Justino, São Lázaro, São Lourenço, São Mamede, São Marcos, São Marcos Evangelista, São Martinho, São Mateus, São Miguel, São Paio, São Patrício, São Paulo, São Pedro, São Porfim, São Raimundo, São Remígio, São Romão, São Sebastião, São Simão, São Tiago, São Vicente, São Xisto*), a larguíssima maioria dos quais não persiste como produtiva no século XX. Dos muitos nomes SANTA/O + N, *Santa-Clara, Santa Marta, Santa-Rita, Santa-Rosa, São Bento* e *São José* (largamente dominante sobre os demais) apenas estão documentados no séc. XX. No conjunto dos A+N há ainda *Belmonte, Boaventura, Negromonte*.

No universo NA sobressaem os sobrenomes de origem detoponímica que envolvem Vale (Valverde), Vila (Vila-Chã, Vilanova, Vilaverde, Vilas-Boas, Vila-Franca, Vila-Real, Vila-Verde, Vila-Viçosa) e Monte (Montalvo, Montalvão, Monte Belo, Montever). Menos atestados são os sobrenomes Bilhalva, Castelo Branco, Espírito-Santo, Ouro-Preto, Rio-Torto, Souto Maior. De

valor predicativo é o sobrenome *Pratolongo* (Carlos Jacinto Pratolongo 1770, Manuel Pratolongo 1785), que não resistiu após o século XVIII. É possível que se trate de um nome com origem na Ligúria, onde se documenta desde o século XIII, entre navegadores e comerciantes, que se disseminaram, por casamento, com nubentes estrangeiras, entre as quais algumas de Lisboa.

Os demais esquemas (Ntruncado +N, Numeral+N, N+(prep)+N) são residuais. Em *Monforte*, *Monjardim*, *Monsanto* o formativo *mon-* representa a forma truncada de *Monte*. Em *Santiago* a forma *San-* pode ser encarada como variante presa de *São*, amplamente abonado.

O esquema V+N, um dos de difusão mais tardia e ampla na língua, encontra-se aqui muito pouco representado. A combinatória Mata+N(s) está abonada em *Matafrades* (Manuel Martins Matafrades 1735, Tomás Rodrigues Frejre Matafrades 1750) e *Matamouros* (António Furtado Matamouros 1588, Francisco Furtado Matamouros 1648, Ana Maria Furtado Matamouros 1670, Duarte Salgado Matamouros 1691, Leocádia Joaquina de Carvalho Matamouros 1756).

4.6. Pluralização

A flexão, nomeadamente a pluralização, é um processo amplamente documentado em sobrenomes (Vasconcellos 1928: 547), tenham estes por base radicais nominais simples ou complexos

- nomes simples (*Anjos, Bairros, Barros, Campos, Carvalhais, Festas, Folhas, Fontes, Fortes, Igrejas, Lages, Lagos, Lares, Lemes, Letras, Mantas, Naves, Neves, Paços, Poças, Pontes, Quintas, Reis, Santos, Vides, Vinhas*)
- nomes complexos (*Arroxelas, Barreiros, Barrocas, Calheiros, Carvalhais, Castilhos, Figueiras, Lameiras, Malheiros, Martins, Matosinhos, Negreiros, Olivares, Palhares, Pederneiras, Poeiras, Quintais, Riachos*).

De todos os sobrenomes arrolados (*Anjos, Arroxelas, Bairros, Barreiros, Barros, Barrocas, Bouças, Calheiros, Campos, Carvalhais, Castilhos, Domingos, Festas, Figueiras, Folhas, Fontes, Fortes, Igrejas, Lages, Lagos, Lameiras, Lares, Lemes, Letras, Malheiros, Mantas, Martins, Matosinhos, Meneses, Naves, Negreiros, Paços, Palhares, Paulos, Pederneiras, Poças, Poeiras, Pontes, Quintas, Quintais, Reis, Santos, Simões, Taveiros, Varandas, Vides, Vinhas*) existem os sobrenomes homólogos não pluralizados. Aguarda-se uma análise de uns e de outros para aferir se efetivamente estes estão na gênese dos primeiros,

4.7. Discussão

Os padrões genolexicais recrutados para a formação de sobrenomes são os mais congruentes com as funções denominativas em jogo, pois são a um tempo caracterizantes e singularizantes de um universo único de *gens*. Por isso os recursos sufixais ativados são os avaliativos, os ‘relacionais’ e *-ad-*, que permitem a codificação de propriedades susceptíveis de demarcar um conjunto familiar específico. A ativação de uns e de outros obedece às propriedades (formais e semânticas) de combinatória e de uso dos sufixos em pauta, as quais estão em conformidade com os padrões

conceptuo-semântico-culturais vigentes no universo personativo da língua portuguesa. A denominação por sobrenomes obedece a motivações conceptuais e culturais simples, mas eficazes. Como tal, o recurso a sufixos avaliativos (*Coutinho, Negrão, Curvelo*), a sufixos ‘relacionais’ (*Airosa, Barbosa, Barroso, Cardoso, Fragoso, Matoso, Pedroso*) e a *-ad-* descritivo (*Brochado, Caiado, Calçado*) ou caracterizante (*Folgado, Penteado*) permite cabalmente singularizar o filão patrilinear ou matrilinear em jogo.

No âmbito dos sufixos ‘relacionais’, a motivação toponímica, não raro associada ou assente (n) a temática da Fauna (*Carneiro, Cordeiro*), da Flora (*Abrunheiro, Cajueiro, Castanheira, Laranjeira, Milheiro*), do meio natural (*Ladeira, Lameira, Pedreira, Regueiro*), sobressai na formação derivativa de sobrenomes, alguns dos quais denotam primitivamente agentes de Atividades (*Armeiro, Besteiro, Guerreiro, Lagareiro, Mineiro, Serralheiro, Tropeiro*). Estes referenciais temático-conceptuais imperam nas diferentes esferas sufixais. Sufixos com semantismos muito específicos, como *-ista*, ou mesmo *-dor, -mento, -idade*, que estão alocados à codificação de eventidades e de propriedades/estados abstratos, não são arrolados para a antroponomástica.

O espaldo hagiográfico (Santo/Santa/São X) e o toponímico (*Vila /Vale X*) estão muito representados na composição. Nesta também a caracterização através de NA (*Ouro-Preto*) ou de AN (*Belmonte, Boaventura, Negromonte*) ocupa lugar de destaque. A pluralização é um procedimento bastante utilizado e de baixo grau de complexidade estrutural. A formação de sobrenomes através do patronímico *-es*, que denota “filho de”, encontra-se inativa na atualidade.

5. Reflexões finais

A génese, as motivações e a configuração dos sobrenomes de um dado universo linguístico assumem um papel identitário crucial na onomástica – e na singularidade a esta associada – de uma comunidade. Por isso a relevância dos sobrenomes (e dos seus padrões de construção) não cessa ao longo da história, na medida em que codificam um bem simbólico de valor inestimável para a *gens* que o possui e transmite/preserva transgeracionalmente.

A construção de sobrenomes da língua portuguesa recorre essencialmente a recursos derivacionais e, menos significativamente, ao processo de composição.

No âmbito da derivação, sobressai o recurso aos sufixos avaliativos, nomeadamente os mais usados em português, *-inh-* e *-ão*. Merecem também menção os sufixos *-alh-*, *-el-*, *-elh-*, *-aç-* a que se juntam quase duas dezenas de outros, menos representados.

Os sufixos ‘relacionais’ (que dão origem a adjetivos/nomes relacionais) são o segundo grande conjunto de operadores recrutados para a formação de sobrenomes. No elenco destes sufixos destaca-se de forma cimeira *-eir-*, e depois *-os-*. Neste aspeto, a língua portuguesa comunga com o galego os mesmos padrões, pois também os sufixos *-eir-* e *-iñ-* são os mais selecionados para a formação dos apelidos galegos (Boullón Agrelo 2009: 134).

Os sufixos denominais, deverbais e deadjetivais são episodicamente usados na formação de sobrenomes, uma vez que a sua função se orienta essencialmente para a codificação de outras realidades ontológicas, como expressão de processos, de estados, de propriedades e de entidades não personativas.

A formação de sobrenomes por um processo flexional, como a pluralização, é um procedimento bastante económico e, por isso, bastante documentado.

No conjunto dos processos de composição, os esquemas mais produtivos para a formação de sobrenomes são N+A e A+N, bastante usuais também na língua corrente. V+N e N+(prep)+N são mais raros, por contraste com o que ocorre na língua comum. Já o recurso a sufixos de grau, como o de superlativo, é excecional, até porque opera sobre predicadores, e ocorre no nome *Gradíssimo* (Francisco António Gradíssimo 1878), contrastando com o uso abundante deste processo na antroponímia latina (Vasconcellos 1928: 554).

Sendo a Onomástica um domínio de preservação das vetustas tradições herdadas de geração em geração, não seria de esperar, na língua contemporânea, e num país multissecular, uma renovação genolexical que alterasse o legado toponímico ou antroponímico que até nós foi sendo preservado ²¹.

Por via de regra, e por se tratar de um património herdado e de uso não tão frequente quanto as unidades comuns do léxico corrente, os sobrenomes são um dos subconjuntos da antroponímia mais avessos a mudanças e a variações, nesta fase em que a língua se encontra normativizada. Assim não foi ao longo da história da língua, como assinala Leite de Vasconcellos (1928: 447-547), na secção consagrada às “Vicissitudes Gramaticais do Nome”. Sob o ponto de vista genolexical, ao longo da história a flexão de plural e sobretudo a avaliação diminutiva ou aumentativa foram praticadas em alguns sobrenomes, e os seus produtos passaram a fazer parte do património hereditário das respetivas famílias. Também o abundante legado dos sobrenomes de origem hagiográfica (Santa/o N) testemunha a herança multissecular que a língua portuguesa foi construindo e preservando).

Não obstante a especificidade do domínio antroponomástico em pauta, a estrutura interna dos sobrenomes compostos e derivados não se afasta dos esquemas mais prototípicos e mais representados de construção genolexical no léxico comum, e de que NA e AN são exemplo na composição. Os sufixos avaliativos e relacionais recrutados para a formação de sobrenomes são igualmente os mais usados na língua comum. Em ambos os casos são respeitadas as esferas temáticas preferenciais de atuação de cada sufixo.

Os sufixos diminutivos e aumentativos permitem singularizar seres (*Zagalinho, Negrão, Abadito, Valentim*) e ‘objetos’ (*Picão, Quintão, Dentinho, Palhinha, Ruela*) em função de propriedades avaliativas de natureza subjetiva, e construir um universo lexical de contornos praticamente ilimitados. Os avaliativos mais e menos selecionados na genolexia dos sobrenomes reproduzem as opções da língua comum.

Os sufixos ‘relacionais’ usados são os recrutados para as diferentes áreas temáticas da genolexia do léxico comum, sejam os que formam denominações de ocupações e atividades (*Barbeiro, Mineiro, Tropeiro*), denominações da esfera da flora (*Cajueiro, Figueira, Cardoso*), denominações de matérias, acidentes/recursos naturais (*Barroso, Lameira, Matoso, Pedreira, Regueira*), denominações toponímicas (*Campelo, Carvalho, Quintela*), denominações de Propriedade/Ca-

21 Na toponímia até poderia acontecer, com a introdução de compostos em *-(ó)polis* (*Carvalhópolis, Indianópolis, Teresópolis, Tocantinópolis*), como ocorre no Novo Continente. Mas na Antroponímia e, em particular, nos nomes de família, tal é inverosímil e anómalo. Todavia, a inovação lexical abunda nos prenomes no Brasil (Simões Neto & Soledade 2018). Também na onomástica alógena de Portugal (Rio-Torto 2023), nomeadamente na mais recente que tem origem na nacionalização de cidadãos migrantes, há renovação lexical, mas não especificamente genolexical.

racterística (*Barateiro, Guerreiro, Rosado, Torrado*). Na formação de sobrenomes é respeitada a distribuição preferencial de cada sufixo pelas áreas conceptuais e temáticas a que se encontra habitualmente ligado.

Não há alocação específica de sufixos a sobrenomes masculinos ou femininos, pelo que, em princípio, qualquer um dos sobrenomes derivados pode ocorrer como sobrenome patrilíneo ou matrilíneo.

Em estudos posteriores pretende-se aprofundar o alcance das linhas de continuidade e de diferenciação da estrutura interna dos sobrenomes atuais face aos dominantes em fases pretéritas da língua²².

Referências bibliográficas

- Anderson, J. M. (2007). Onomastics. In J. Anderson (Ed.), *The Grammar of Names*. Oxford: Oxford University Press.
- Boullón Agrelo, A. I. (1999). *Antroponimia Medieval Galega (ss. VIII XII)*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- . (2018). A estrutura do “Dicionário dos apelidos galegos”. In A. I. Boullón Agrelo (Ed.), *Antroponimia e lexicografia* (pp. 143-177). Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega.
- . (2009). Sobre a estandarización da antroponimia: proposta para os apelidos. *Boletín da Real Academia Galega*, 370, 117-152.
- Cardoso, J. (1570). *Dictionarium latinolsitanicum e viceversa Lufitanicuolatinü ...* Conimbricæ: Ioan Barrerius.
- Código do Registo Civil. Decreto nº 15:380. Diário do Governo, I Série, nº 87, 17 de abril de 1928. <<https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1928/04/08700.pdf>>
- Guérios, R. F. M. (1981). *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Ave Maria.
- Hanks, P.; & H. Parkin (2016), Family names. In C. Hough, & D. Izdebska (Eds.), *The Oxford Handbook of Names and Naming* (pp. 214-236). Oxford: Oxford University Press.
- Machado, J. P. (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Editorial Confluência.
- Mengo, F. da S. (1889). *Dicionário de Nomes de Baptismo*. Porto: Typographia Elzeviriana.
- Monteiro, N. G. (2008). Os nomes de família em Portugal: uma breve perspetiva histórica. *Etnográfica*, 12, 1, 45-58.
- Nós Portugueses*, disponível em <https://nosportugueses.pt/pt/apelidos/a>. Acesso: 30 Julho 2023.
- Nuorluoto, T. (2017). Emphasising matrilineal ancestry in a patrilineal system: Maternal name preference in the Roman world. In M. Nowak, A Łajtar, & J. Urbanik (Eds.), *Tell Me Who You Are: Labelling Status in the Graeco-Roman World* (pp. 257-281). Warsaw: U schyłku Starożytności Studia Zródłoznawcze 16.

22 Desejo prestar o meu sincero agradecimento aos avaliadores, pela preciosa ajuda na revisão deste texto. Os erros e imprecisões remanescentes são de minha responsabilidade.

- Piel, J.-M. (1936-1945). *Os nomes germânicos na toponímia galego-português*. Lisboa. Centro de Estudos Filológicos. Vol. I, 1936. Vol. II, 1945.
- . (1948-1949). Sobre o sufixo *-ellus*, *-ella*, no onomástico tardio hispano-latino. *Humanitas*, II, 241-248.
- . (1989 [1960]). A antroponímia germânica na Península Ibérica. In J.-M. Piel *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*, (pp. 129-147). Lisboa: IN-CM.
- Rio-Torto, G. (1993). *Formação de palavras em português. Aspetos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Coimbra.
- . (2008). Mudança genolexical: teoria e realidade. *Linguística*, 3, 1, 224-240.
- . (Ed.) (2016). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- . (2023). Renovação da antroponímia em Portugal. O que os dados dos séculos XX e XXI mostram. *Estudos da Língua(gem)*, 21, 1, 62-82.
- Rodrigues, L. S. (2016). *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras Vernáculas. Salvador.
- Ryskamp, G. (2012). The Intergenerational Transmission of Surnames in Spain and Latin America (1500–1900). *Journal of Family History*, 37, 4, 428-452.
- Salazar y Acha, J. (1991). *Genesis y evolución histórica del apellido em España*. Madrid: Ediciones de la Real Academia Matritense de Heráldica y Genealogía.
- Shiba, H. (1996). Evolución histórica del nombre civil en España. Una aproximación a su origen. *Boletín de Nagoya Women's Júnior College of Commerce*, 36, 209-238.
- Silvestre, J. P. (2021). A escolha do nome próprio: quadro legal e evolução da antroponímia contemporânea em Portugal. *Études romanes de Brno*, 42, 1, 217-231.
- Simões Neto, N. (2018). Os esquemas x-ari- em perspectiva histórica e construcionista: do latim clássico ao medieval. *Estudos Linguísticos e Literários*, 61, 49-69.
- Simões Neto, N. A.; & Soledade, J. (2018). Nomes em X-son na antroponímia brasileira. Uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, 26, 3, 1295-1350.
- Soledade, J. (2012). A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In T. Lobo *et al.* (Orgs.), *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* (pp. 323-336). Salvador: EDUFBA.
- . (2020). Recuperando a história do Léxico antroponímico brasileiro. *Labor histórico*, 6, 3, 465-483.
- Staaff, E. (1896). *Le suffixe -ARIUS dans les langues romanes*. Thèse pour le Doctorat. Upsal: Almqvist & Wiksell.
- Vasconcellos, J. L. de (1928). *Antroponímia portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.



This work can be used in accordance with the Creative Commons BY-SA 4.0 International license terms and conditions (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode>). This does not apply to works or elements (such as images or photographs) that are used in the work under a contractual license or exception or limitation to relevant rights.